

GAUDÊNCIO TORQUATO

É verdadeiramente surpreendente. As batalhas que agitam os palcos de Brasília não estão efetivamente mexendo com a sociedade. Por mais que mobilizem as energias de seus promotores e contendores e liberem formidáveis cargas de adrenalina, as disputas que se travam em torno dos capítulos da Constituinte ganham as manchetes de jornais e televisões, mas não conseguem tirar dos assistentes mais que uma rápida leitura desinteressada. Não se vê manifestações do povo nas ruas, não se ouve a opinião das pessoas simples nas filas dos ônibus, na saída das fábricas, no ingresso aos estádios, na saída dos escritórios. A vida para essa gente continua dura e distante do rebuliço das grandes decisões.

O que está havendo? Interesse da imprensa em sonegar a repercussão? Falta de sensibilidade dos editores? Decisões estratégicas que procuram jogar a imprensa contra os políticos? Ou, simplesmente, falta de credibilidade dos políticos e das instituições? A última hipótese é a mais provável e os dados do meio ambiente confirmam, a cada dia, a completa apatia das massas para com o fenômeno político brasileiro. A impressão que se capta é a da existência de uma equação política traduzida no seguinte corolário: quanto mais caloroso o Congresso Constituinte tanto mais abúlica permanece a sociedade.

Não é difícil identificar as causas da questão. Tudo isso pode ser compreendido por meio da idéia do "jogo de soma zero". Nesse jogo, os ganhos de todos os jogadores somam zero, porque o que um competidor ganha, só o consegue por conta das perdas do adversário. Qualquer ganho de um jogador sai das perdas dos outros. O que é vantajoso para um, é trágico para outro, o que é bom para o vitorioso, é mau para o derrotado. Na Constituinte, os grupos digl idiam-se, numa forma violenta de competição, promovendo, assim, um jogo maquiavélico, estribado no princípio de que um príncipe que favorece o poder de um outro príncipe diminui seu próprio poder. Os grupos querem testar sua força, cegam-se numa luta impiedosa e a Constituinte vai sendo plasmada à base de uma ba-

taíha sem tréguas, onde o mais importante é a vitória sobre o adversário. Não há demonstração de que a sociedade está ganhando com a contenda.

Ao "jogo de soma zero", adiciona-se uma memória de lembranças desagradáveis pontilhada por uma torrente de situações negativas, a saber:

Favorecimentos — Muitos políticos são controlados por uma estratégia de favorecimentos, grandes ou pequenos favores. Esse tipo de cooptação política banha negativamente a instituição, respingando em praticamente todos os agentes do processo político.

Escândalos — A participação de políticos em casos duvidosos, que cheiram a negociatas e jogos de poder, tem sido noticiada com intensidade pela mídia, despertando na opinião pública a visão de que a corrupção se agiganta. Se ela era farta no passado, não recebia muita divulgação. A transição política está expondo de maneira escancarada as feridas do sistema.

Interesses regionais/locais — As querelas regionais, a partir da divisão do poder nos Estados pelos partidos tradicionais — PMDB e PFL —, a necessidade de ocupação de espaço por parte dos partidos pequenos — PT, PL —, o interesse estratégico do PDT em torno da figura de Brizola, o oportunismo do PTB, a bagunça em que se tornou o outrora famoso PDS, constituem fenômenos visíveis que transmitem à sociedade a sensação de uma política rasteira e acentuadamente fisiológica. Esse contexto retrata também a situação a nível de municípios.

Muita fala, pouca ação — Os políticos transportam a imagem de que falam muito, prometem, discursam e pouco fazem. A verbosidade — sabe-se — está na alma do político brasileiro. A promessa finca-se em seu comportamento cotidiano. A ação transforma-se em uma quimera. É claro que existem muitos políticos de grandes atitudes e práticas eficazes. Mas todos acabam por ser engolfados pela teia de incredulidade que cobre o tecido institucional.

Altos salários — O comentário é generalizado: os políticos ganham altos salários e não pagam impostos. São privilegiados. A classe média não engole essa situação, agora com perspectiva de mudanças. A

síntese pode ser simplista, mas, infelizmente, é o que se ouve, nos táxis, nos ônibus, nas ruas, nas conversinhas de bar. Os políticos são tomados como pessoas que ganham a vida sem fazer muita força. Uma questão de falta de educação política das massas? Talvez. Antes, porém, seria necessário um reordenamento nos costumes e práticas políticas. O exemplo deve vir de cima.

Afastamento das bases — Essa não é nova: os políticos só aparecem em época de eleição. Principalmente, nas regiões pobres do interior do País, essa frase é um velho chavão. Devagarinho, as massas estão expulsando tais turistas. Mas o perfil do político bissexto ainda é bastante forte.

Oportunismo — Temas de alta significação social tocam os políticos apenas em determinados momentos ou quando pessoas irresistíveis conseguem atraí-los. Se isso ocorre, percebe-se que adotam o discurso, por conveniência momentânea. Na verdade, seu caráter está frequentemente distante da proposta e da substância.

A relação de situações negativas é ampla. Os políticos podem argumentar e se defender vigorosamente contra cada proposição, mas não conseguirão negar o fato de que seu conceito está arranhado e que a soma dos aspectos negativos derruba possíveis pontos positivos. A posição em que se encontra a instituição política é terrivelmente precária: entre o desafio de produzir uma Constituição durável e a necessidade de angariar credibilidade para tornar suas decisões aceitas, compreendidas, acatadas e aplaudidas pela opinião pública. Enquanto o dilema persistir, o ato político permanecerá na quarentena da desconfiança e do descrédito.

É por tudo isso que o "jogo de soma zero", alimentado com tantas equações obtusas, não entusiasma a opinião pública. O projeto histórico da nova Constituição, visto por essa lupa, pode ficar circunscrito a uma paisagem nebulosa e passageira, retocada por interesses grupais que, entre vitórias e derrotas, alternadas, não conseguem transmitir à Nação tranqüilidade, serenidade e, sobretudo, grandeza moral, valor insubstituível para conquistar a alma combatida do povo.